

A *roda* de 1743 com mais $40\frac{3}{8}$ grãos de peso supplantou a influencia de sua irmã, que foi fabricada no anno anterior; esta melhoria de peso é o indicio mais seguro para presumir-se o seguinte:

As providencias de 24 de Setembro de 1742 não teriam dado resultado satisfatorio, contra a expectativa do publico, mantida a alta do cambio. Sabemos que o Conselho da Fazenda aumentou o valor da moeda de ouro em 10 de Fevereiro de 1743, como já dissemos; e neste ensejo não teria elle tratado da moeda subsidiaria mais infima, visto que a sua depreciação não cessava? Se assim succedeu, porque motivo ordenaria a suppressão do respectivo registo, se tal ordem deu? Que houve novo esforço de melhoria a favor da moeda de calaim, meses ou dias mais tarde, prova-se com a *roda* de 1743, reforçada no peso para lutar com mais denodo contra o agio. Finalmente é de melhor raciocinio admittir que se perderam livros de registo.

Lisboa, Novembro de 1903.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Estações prehistoricas dos arredores de Setubal

Objectos prehistoricos encontrados no Castro da Rotura

(Continuação. Vid. o *Arch. Port.*, VIII, 137)

E) CONTA DE CALAITE:

Esta conta com a fórma e grandeza de azeitona apresenta, como as achadas por Carlos Ribeiro em Bellas (Monte Abrahão)¹ e nas grutas sepulcraes da Quinta do Anjo, a côr verde.

A substancia d'estas contas verdes foi analysada por Ricardo Wittnich, que concluiu que é uma variedade de esteatite².

A côr verde d'estas contas, segundo a analyse feita por M. von Bonhorst, é devida ao oxido de chromio, e não aos saes de cobre, que dão a côr azul á calaite, de outra variedade³.

Segundo a analyse feita pelo Sr. Bensaude, não ha saes de cobre nas contas de calaite verde ou ribeirite, nome que o mesmo senhor deu á substancia esverdeada das contas achadas por Carlos Ribeiro⁴.

¹ Vid. *Estudos prehistoricos*, vol. II, pag. 53.

² *Ibid.*, pag. 55.

³ Vid. *Compte-rendu* do Congresso de Lisboa em 1880, pag. 694 e 695.

⁴ *Ibid.*

Até hoje não tenho conhecimento de que se descobrisse nenhum jazigo de calaite, tanto nos arredores de Setubal como na península hispanica.

Segundo Plinio¹, a calaite era originaria da Dacia (hoje Romenia), do monte Caucaso e da Carmania (Persia Oriental).

Talvez, como quer o Sr. E. Cartailiac, estas contas fossem trazidas de longinquoas regiões para a península pelos povos invasores no fim da idade da pedra polida².

Grutas nas proximidades do Castro da Rotura

Em toda a escarpa a que já me tenho referido, e que indo do Valtão aos Bonecos formava junto da Rotura como que a muralha de defesa do antigo castro, estão abertas cavidades naturaes, umas vezes devidas ás erosões atmosphericas, outras vezes ao deslocamento e separação das camadas calcareas. Estas cavidades apresentam-se ora sob a fórma de grandes nichos (fig. 3.^a), ora como pequenas grutas, algumas das quaes os habitantes prehistoricos aproveitaram principalmente para jazigo dos seus mortos.

Todas estas sepulturas estão fóra do castro da Rotura, e algumas a distancia consideravel, como a descoberta em S. Luis, que fica a 1 kilometro a oeste da Rotura. Era effectivamente fóra, e mesmo ás vezes longe, das povoações, que os homens da epoca neolithica costumavam dar a ultima morada aos seus patricios, como confirma Carlos Ribeiro³.

Até agora tenho apenas conhecimento de tres cavidades em que encontrei despojos humanos: duas junto do castro da Rotura, e outra em S. Luis. Creio porém que nas anfractuosidades da parede exterior da escarpa, na parte que até agora tem escapado á exploração dos ca- bouqueiros, ainda devem existir mais algumas.

Lapa da Rotura

A meia altura da escarpa da Rotura, em logar quasi inacessivel e correspondente á parte occidental do castro, mas fóra d'elle, encontrei entre as camadas calcareas do mioceno marinho, que fórma a escarpa, uma gruta natural em fórma de lapa, e quasi cheia de entulhos. Como a rocha andasse em exploração, e por isso tanto a lapa como os

¹ Vid. *Historia Natural*, liv. xxxvii, cap. 56.

² Vid. *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, por E. Cartailiac, pag. 134.

³ Vid. *Estudos prehistoricos de Portugal*, vol. 1, pag. 61.

objectos archeologicos que continha estivessem em risco imminente de serem destruidos pelos cabouqueiros, apressei-me a mandar extrahir da gruta tudo o que nella havia até a rocha viva, tendo o cuidado de examinar a disposição dos entulhos e escolher todos os objectos que a preenchiam.

A lapa tinha pouco mais ou menos a fórma de prisma obliquo de base rectangular, com o comprimento de 3 metros, largura de 1 metro e altura de 2 metros. A base superior e parte da face do prisma voltada para o oriente correspondiam ás aberturas da lapa.

Attendendo á exiguidade d'esta gruta e á sua situação em logar de tão difficil accesso (fig. 121.^a), julgo que nunca serviu para habitação. Os entulhos que continha eram constituídos por terra e innumeros fragmentos de objectos em que se tinha exercido o trabalho humano. Parece que tudo tinha sido atirado para ali de montão e sem ordem alguma. Este facto tambem foi observado nas grutas sepulcraes da Quinta do Anjo, onde só a terceira gruta, a partir de leste, estava cheia de entulhos estratificados em quatro camadas¹.

Em disposição regular vi apenas na gruta da Rotura duas pedras oblongas, não aparelhadas, deitadas na direcção de norte-sul no solo da lapa e distantes entre si o intervallo de um palmo.

Apesar de não encontrar senão um fragmento de cranio humano, julgo que esta cavidade serviu de sepultura e que, muito posteriormente á epoca em que teve aquelle destino, foi violada por individuos que depois de tudo revolverem, talvez á procura de thesouros, atiraram á pressa para dentro da gruta os objectos a que não acharam serventia, para assim occultarem as suas pesquisas.

Os objectos que ali encontrei são:

A) INSTRUMENTOS DE PEDRA POLIDA:

1.^o Um fragmento (fig. 122.^a) de instrumento de pedra que devia ter fórma de cutello, parecido com a actual gramadeira para trilhar o linho. Este instrumento, quando completo, devia ser semelhante aos cutellos colligidos por Estacio da Veiga, que os obteve em Alcaria do Pocinho no concelho de Villa Real de Santo Antonio².

O fragmento achado na Rotura conserva ainda parte do espigão em que se conhecem visivelmente os vestigios do attrito do cabo por onde se empunhava o instrumento.

¹ Vid. *Religiões da Lusitania*, por Leite de Vasconcellos, vol. I, pag. 231.

² Vid. *Antiguidades monumentaes do Algarve*, por E. da Veiga, vol. IV, pag. 115.

2.º Um machado que termina de um lado em gume afiado, e do outro em plano irregular, talvez devido a fractura (fig. 123.^a).

3.º Um fragmento de instrumento que julgo ser clava de pedra. Este instrumento tem na sua superficie vestígios de ser coberto com agua de cal, e assim foi tirado do interior da gruta (fig. 124.^a).

4.º Uma pequena placa rectangular de pedra (fig. 125.^a) de que ignoro a serventia.

B) RESTOS DE PRODUCTOS CERAMICOS :

1.º Um pequeno vaso quasi inteiro em forma de tulipa, profusamente ornamentado em toda a sua superficie externa, inclusive o fundo.

As figs. 126.^a e 127.^a representam o vaso visto de perfil e do lado do fundo. Este vaso, tanto pela sua fórma como pela ornamentação, é muito semelhante aos que foram encontrados por Carlos Ribeiro nas grutas do casal do Pardo, na quinta do Anjo. Nos sulcos dos desenhos feitos no vaso achado na lapa da Rotura vêem-se numas partes vestígios de cal e noutras uma substancia vermelha, o que me faz julgar que o vaso foi primitivamente pintado exteriormente. O barro de que foi feito este vaso não foi bem escolhido, pois que na sua massa apresenta grande quantidade de pequenas pedras de quartzo. A espessura das suas paredes é de 0^m,005. Nas extremidades de um dos diametros do fundo ha dois orificios, como se vê na fig. 127.^a, o que me faz suppor que este vaso, que na sua epoca devia ser bello, poderia servir, á maneira dos actuaes cinchos, na fabricação do queijo para separar a agua do leite do queijo coalhado.

2.º Um fragmento de um vaso de barro, que, quando inteiro, devia ter a fórma de calote espherica. A fig. 128.^a representa uma restauração d'este vaso, que tem incorporado o fragmento que fazia parte do original. Era ornamentado lateral e exteriormente com desenhos semelhantes aos do vaso anteriormente descrito, como se vê na figura.

3.º Pequeno vaso, a que faltam alguns pedaços, representado na fig. 129.^a Este vaso é de barro muito fino e bem escolhido. As paredes tem apenas 0^m,002 de espessura. Não tem ornamentação alguma e apresenta duas asas em fórma de mamillos com o intervallo de 90 graus, o que indica que o vaso quando inteiro devia ter quatro d'estas pequenas asas.

4.º Muitos fragmentos de vasos de varios feitios, uns sem ornamentação alguma, e outros muito bem ornamentados, como os representados nas figs. 130.^a a 146.^a

Quasi todos estes vasos foram formados sem o auxilio da roda de oleiro, e de barro geralmente muito bem escolhido.

5.º Uma placa de fôrma de prisma recto, de base rectangular, feito de barro mal cozido. Este prisma tem de comprimento 0^m,1, de largura 0^m,03 e de altura 0^m,075; está representado na fig. 147.^a e é atravessado proximo de cada um dos cantos e paralelamente ás arestas menores das bases por quatro canaes que ali se acham abertos. Este objecto servia para andar suspenso por fios, que passavam por dois canaes contiguos; o que se deprehe de dos sulcos produzidos pelo attrito d'esses fios nas faces do prisma, desde os orificios dos dois canaes até a aresta mais proxima. Todas as arestas d'este objecto se acham desgastadas pelo muito uso que tiveram, apresentando-se em seu lugar superficies arredondadas. Como se vê na figura, a face ali representada tem um desenho formado por uma linha quebrada em zig-zag.

A fig. 148.^a representa um fragmento de outra placa com a fôrma geral semelhante á anterior e tambem da mesma substancia.

Parece porém que o objecto de que resta o fragmento não chegou a ser usado, porque as arestas apresentam-se vivas, e não ha vestigios de mordeduras feitas no barro pelos fios que atravessavam os canaes. Tambem não apresenta desenhos em nenhuma das suas faces.

Henri e Louis Siret, referindo-se a objectos semelhantes achados em diferentes localidades no sudeste de Espanha, são de opinião que estes prismas eram pesos destinados a tender os fios nos teares primitivos¹.

C) Duas mós de grés quartzoso, sendo uma dormente e outra movente (fig. 149.^a).

Estas duas pedras nada tem regular senão as superficies cylindricas entre as quaes se moiam as sementes. A superficie da mó movente é convexa e ajusta-se perfeitamente á superficie da mó dormente que é concava. A mó movente é achatada e foi partida de maneira que a tornaram cordiforme a fim de ser mais manejavael no movimento de vaevem a que era destinada sobre a mó dormente.

O lugar mais proximo da Rotura, onde ha grés da qualidade de que são formadas as mós, é proximo á praia de Galapos, ao sul da serra da Arrabida, no local onde tambem houve uma estação neolithica de que adeante fallarei.

D) Pedacos de barro quasi cru, que se acham perfurados com canaes na maior parte parallelos entre si e alguns transversaes (figs. 150.^a a 159.^a).

Parece que o barro foi posto á mão sobre uma armação feita com paus da grossura de proximamente 0^m,01, que tanto é o diametro medio

¹ Vid. *Les premiers âges du métal dans le sud-est d'Espagne*. Atlas, est. n.º 3, fig. 26 e ests. n.ºs 14, 16 e 20.

dos canaes. Formava-se assim um revestimento de barro que, como se deprehe de das dedadas impressas na superficie dos fragmentos que encontrei, era afieçoado exteriormente com as mãos.

Talvez a gruta fosse coberta com um tecto formado por feixes de varas de arbustos e revestido pela parte superior e externa com o barro amassado, que talvez constituísse d'esta fórma o inicio da *tegula* de que ulteriormente os Romanos fizeram largo uso.

As faces planas dos fragmentos do barro que encontrei apresentam-se avermelhadas pela acção que o fogo exerceu nos saes de ferro encorporados no barro. Julgo este effeito devido a ter-se, por assim dizer, tostado exteriormente o revestimento do tecto da gruta, a fim de tornar o barro que cobria o tecto mais resistente aos agentes atmosphericos.

E) Um punhado de grãos de trigo completamente carbonizados e que por esta circumstancia conservaram a sua fórma durante tantos seculos. Estas sementes acham-se agglutinadas fracamente umas ás outras, separando-se com facilidade. Os grãos tem em media 0^m,007 de comprimento, 0^m,004 de largura, e apresentam exactamente a fórma do actual trigo rijo.

F) Um fragmento muito pequeno de cranio humano. A espessura d'este osso é de 0^m,003.

G) Grande quantidade de ossadas de mammiferos, em que predominam ossos e dentes de cabra. Muitos d'estes ossos acham-se carbonizados, o que me faz julgar que eram os restos das viandas assadas para os festins funebres.

Tambem encontrei alguns fragmentos de pontas de veado, unhas de boi, uma navalha de javali e dentes de porco.

H) Grande quantidade de cascas de molluscos das especies que tenho encontrado dentro do castro da Rotura e que já mencionei.

I) Um fragmento de instrumento de cobre, o que prova que o uso da sepultura chegou até a epoca eo-metallica.

Lapa funeraria de S. Luis

A escarpa da Rotura prolonga-se para o lado occidental do castro do mesmo nome, até 2 kilometros de distancia, ficando entre a escarpa e a serra de S. Luis um pequeno socalco onde a 1 kilometro a oeste da Rotura se ergue a pequena ermida de S. Luis.

Proximo d'esta ermida ficam as ruinas do casal da Lapa; numa parte da escarpa subjacente a este casal, em posição analoga á da gruta da Rotura, de que já fallei, deparou-se aos cabouqueiros uma lapa onde

me disseram que tinham encontrado tres esqueletos humanos, alguns cacos de louça grosseira, carvão, cinzas e ossos queimados. Os cabouqueiros quasi tudo destruíram, e quando, tendo conhecimento do achado, fui para ver a lapa e os objectos nella encontrados, só achei dispersos pelo solo: um pedaço de clava de rocha amphibolica, alguns fragmentos de uma placa de ardosia que os cabouqueiros propositada e estupidamente tinham partido, ossos humanos, ossos de mamíferos carbonizados, cascas de molluscos e cinzas.

Passarei a dar noticia d'esses objectos.

A) INSTRUMENTOS DE PEDRA:

1.º Um fragmento da parte anterior de uma clava de rocha amphibolica (fig. 160.^a). A clava a que este fragmento pertencia é da especie de armas mais antigas que se conhece e de que, segundo a mythologia, o proprio Hercules, se servia. Está arma devia ser terrível quando usada por individuos adestrados no seu manejo. O resto da clava achado na gruta de S. Luis tinha na sua secção transversal a fórma de segmento circular; a pedra de que ella é feita foi aparelhada com um instrumento de substancia mais dura do que a rocha amphibolica de que é formada e terminando em bico agudo, como se deprehende da nitidez das pequenas covas espalhadas por toda a sua superficie. Algumas incrustações na superficie da fractura da clava demonstram que o instrumento já estava partido muito antes dos cabouqueiros darem com elle. Este instrumento de guerra foi provavelmente partido na cerimonia do funeral de algum dos individuos que foram inhumados na gruta.

Este facto parece ter analogia com o praticado na Europa antiga, cujas sepulturas dão prova de que nos ritos havia a destruição intencional das armas que pertenciam aos fallecidos¹.

2.º Diversos fragmentos de machados de pedra polida.

B) PLACA DE SCHISTO:

A figura 161.^a representa parte de uma placa de lousa que encontrei junto da lapa sepulcral de S. Luis, de onde foi tirada. Esta lamina era trapezoidal e tem desenhos triangulares gravados na face representada na figura. Na parte superior tem um orificio para suspensão, que parece ser praticado pelo movimento giratorio de um furador em fórma de pyramide cujas arestas fossem muito irregulares. Talvez este

¹ Vid. *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, por E. Cartailiac, pag. 252.

furador fosse de silex e semelhante a um, de que adeante fallarei, achado no sopé do monte Vaqueiro, onde encontrei os restos de uma estação neolithica.

Seriam estas placas distinctivos militares com caracter religioso, como succede ainda hoje com as medalhas das ordens militares?

C) FRAGMENTOS DE OSSOS HUMANOS:

Nestes ossos apenas notarei alguns caracteres, que me parecem dignos de estudo para o conhecimento ethnologico dos individuos que foram inhumados na lapa.

1.º Fragmento de um humero direito (fig. 162.^a).

Neste osso ha que notar que a cavidade olacraniana não está perfurada. A perfuração de cavidade humeral é naturalmente devida, segundo Felix Regnault¹, a pressão do bico do olacranio na cavidade do humero, chegando a perfurá-lo quando certos movimentos são muito amplos e repetidos, e alem d'isto os ossos pouco resistentes. Este caracter osseo é muito commum nos negros e nos berberes².

Estes ultimos são considerados por alguns autores como os actuaes representantes, tanto da primitiva população da peninsula iberica³, como da familia prehistorica de Cro-Magnon⁴.

A falta de perfuração do humero, falta que é muito frequente nalgumas sepulturas aristocraticas francesas da idade media⁵, afasta pois o individuo, a que pertencia o osso achado na lapa de S. Luis, tanto dos actuaes berberes como dos seus antepassados prehistoricos que deixaram vestigios em Cro-Magnon.

2.º Fragmento superior de um femur do lado direito (fig. 165.^a).

Neste femur as duas series de rugosidades, que quando reunidas tomam o nome de linha aspera, estão quasi confundidas numa só e não destacadas uma da outra e salientes formando pilastra, como succede nos individuos da familia de Cro-Magnon⁶.

Este caracter tambem afasta, como no caso antecedente, o individuo, a que pertencia o osso, da mais antiga raça peninsular e da familia inhumada em Cro-Magnon.

¹ Cf. *Bulletins et mémoires de la Société d'Anthropologie*, anno de 1901, pag. 386 e 392.

² Vid. *L'Anthropologie*, por P. Topinard, pag. 306.

³ *Ibid.*, pag. 475.

⁴ Vid. *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, por E. Cartailiac, pag. ix.

⁵ Vid. *L'Anthropologie*, por P. Topinard, pag. 307.

⁶ *Ibid.*, pag. 309.

3.º Fragmento superior de femur do lado esquerdo (fig. 164.^a).

Neste femur caíram o grande trochanter e a cabeça do femur; o pequeno trochanter está quasi desligado do corpo osseo.

Como estes factos se não dão no femur anteriormente referido, julgo que o femur do lado esquerdo pertencia a individuo mais novo do que o que possuiu o femur do lado direito; pois que como é sabido a consolidação das epiphises é em grau tanto maior quanto mais idoso é o individuo.

Estes caracteres vem confirmar a noticia dada pelos cabouqueiros, que me disseram haver dentro da gruta tres esqueletos, e indicam que a sepultura era de diversos individuos talvez da mesma familia.

4.º Outros fragmentos de ossos humanos compridos (figs. 163.^a, 166.^a, 167.^a e 168.^a).

Em todos os ossos já referidos e mais fragmentos de esqueletos humanos achados nesta gruta, nota-se que as asperezas osseas em que se inseriam os musculos não estão muito salientes. Como se sabe, estas asperezas são tanto mais desenvolvidas quanto maior é a actividade d'esses musculos; por isso julgo que os individuos enterrados na gruta não foram trabalhadores mecanicos que fossem forçados a exercicios violentos muito demorados.

Talvez este jazigo pertencesse a alguma familia aristocratica da raça invasora que teria conquistado parte da peninsula na idade neolithica. A clava encontrada na gruta tambem faz suppor que a familia ali enterrada era de individuos que manejavam armas ou que as tinham como distinctivo.

D) RESTOS DE ANIMAES:

Como já disse, misturados com a terra e removidos do interior da gruta funeraria, encontrei muitos ossos calcinados pelo fogo, cascas de molluscos, cinzas e carvão.

Os ossos estavam em grande parte carbonizados pelo fogo, e pareceram-me, apesar de deformados, ser de cabras e de bois.

As valvas de molluscos são das especies que já mencionei achadas no castro da Rotura.

Julgo que todos estes restos o são de banquetes, que se celebrariam nas cerimoniaes funebres em honra das personagens inhumadas neste jazigo prehistorico. As cinzas e carvão parecem indicar que as viandas eram assadas em local junto da sepultura, e que, terminados os festins, tudo se introduzia no jazigo.

(*Continúa*).

A. I. MARQUES DA COSTA.

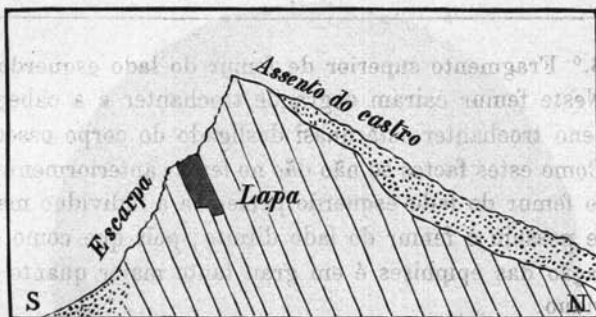


Fig. 121.ª (V/300)



Fig. 122.ª (9/10)



Fig. 123.ª (9/10)



Fig. 124.ª (9/10)



Fig. 125.ª (9/10)

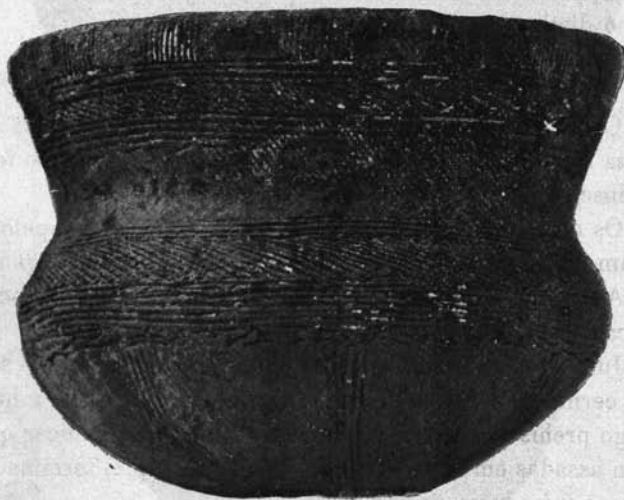


Fig. 126.ª (9/1)

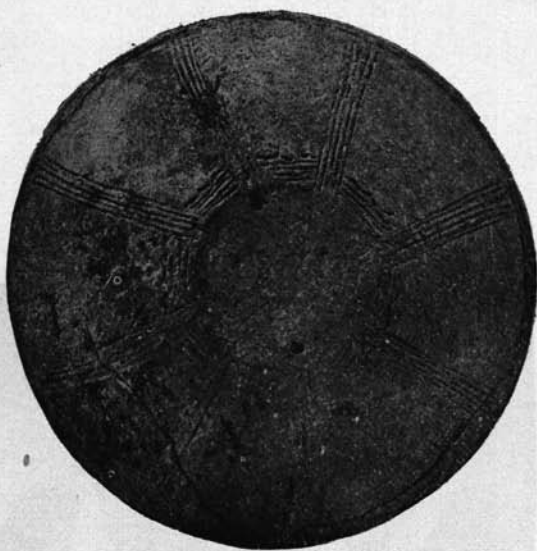


Fig. 127.ª (2/3)



Fig. 128.ª (1/2)

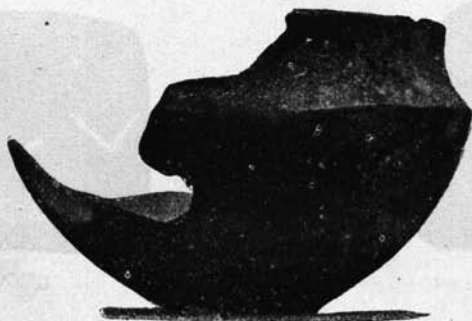
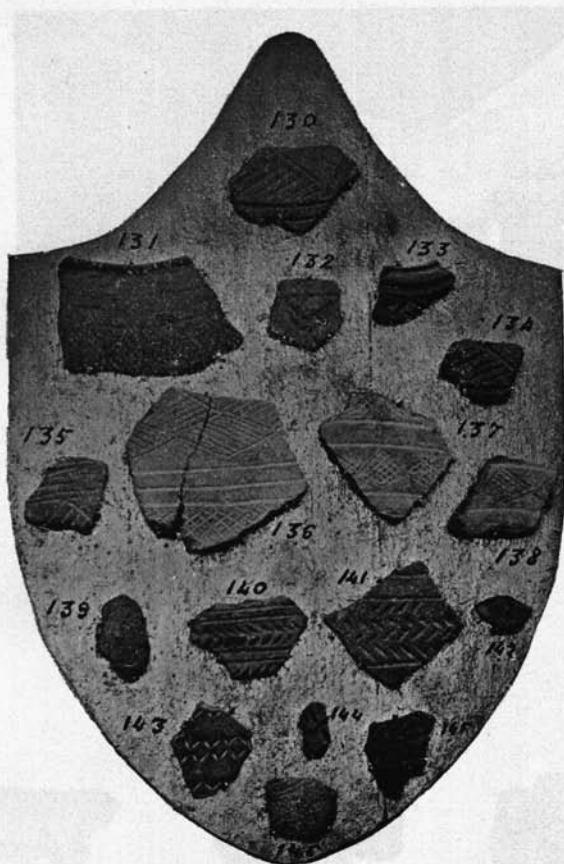


Fig. 129.ª (2/4)



Figs. 130.^a a 146.^a (11/100)



Fig. 147.^a (2/a)



Fig. 148.^a (2/1)

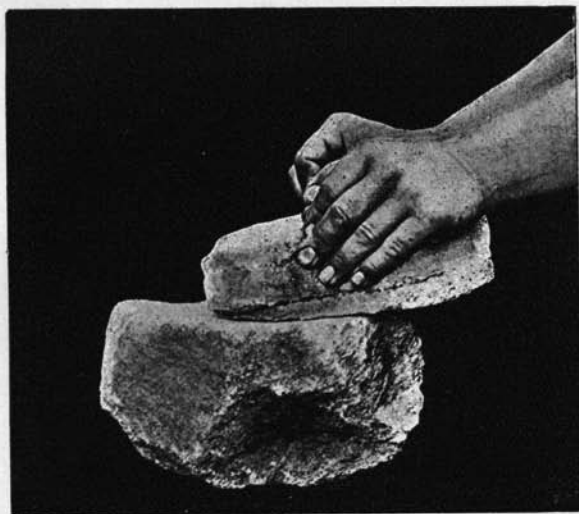


Fig. 149.^a (2/10)



Fig. 150.^a (1/10)



Fig. 151.^a (1/10)



Fig. 152.^a (1/10)



Fig. 153.^a (1/10)



Fig. 154.^a (1/10)



Fig. 155.^a (1/10)



Fig. 156.ª (1/10)



Fig. 157.ª (1/10)



Fig. 158.ª (1/10)



Fig. 159.ª (1/10)



Fig. 160.ª (1/4)



Fig. 161.ª (2/3)



Fig. 162.ª (1/4)



Fig. 163.ª (1/4)



Fig. 164.ª (1/4)



Fig. 165.ª (1/4)



Fig. 166.ª (1/4)



Fig. 167.ª (1/4)



Fig. 168.ª (1/4)